



COMPREENDENDO O AUTISMO

MARGARETH
AMARAL



INSTITUTO
COGNUS

Capítulo 1: O Início da Jornada – O que é o Autismo?

O autismo, também conhecido como Transtorno do Espectro Autista (TEA), é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta principalmente a forma como uma pessoa se comunica, interage socialmente e percebe o mundo ao seu redor. O espectro autista é vasto e, por isso, o autismo se manifesta de maneiras diferentes em cada indivíduo. Algumas crianças podem apresentar dificuldades mínimas de comunicação e interações sociais, enquanto outras podem ter desafios mais profundos e complexos. O termo “espectro” é utilizado exatamente para mostrar essa diversidade de manifestações, que podem variar muito de uma pessoa para outra, tanto em termos de intensidade quanto de tipo de dificuldades.

A história de uma família que recebe o diagnóstico de autismo pode ser marcada por um misto de sentimentos: de confusão, alívio e, muitas vezes, um medo do desconhecido. Quando a pequena Sofia começou a apresentar sinais de que seu desenvolvimento não estava seguindo o esperado, seus pais, Maria e João, ficaram inicialmente assustados. Aos dois anos, ela não fazia contato visual, não reagia quando chamada e evitava interações com outras crianças. O comportamento da filha, que parecia mais recluso, começava a gerar preocupações. As comparações com outras crianças da mesma idade eram inevitáveis, e o vazio causado pela falta de compreensão sobre o que estava acontecendo crescia.

Sofia

Após várias consultas com especialistas, Sofia foi diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista, e a reação inicial dos pais foi de surpresa e tristeza. A informação do diagnóstico era um peso que parecia difícil de carregar, mas, à medida que Maria e João começaram a pesquisar sobre o autismo, eles entenderam que esse diagnóstico não significava que Sofia estaria limitada de alguma forma. Era apenas uma forma diferente de ver o mundo, um caminho único que ela seguiria, com os desafios e as conquistas que qualquer ser humano poderia ter. No começo, a família não sabia o que esperar e como agir, mas logo Maria começou a entender que o que mais importava era a aceitação e o apoio incondicional. Eles não precisavam mudar Sofia, mas sim encontrar maneiras de ajudá-la a se expressar e interagir com o mundo à sua maneira.

O autismo é um transtorno com diferentes graus de intensidade, o que significa que existem diferentes níveis de necessidades de apoio para cada pessoa com a condição. O DSM-5, manual que define os critérios para diagnóstico de transtornos mentais, classifica o autismo em três níveis. O primeiro nível é considerado leve, no qual a pessoa tem algumas dificuldades para interagir socialmente e comunicar-se de forma eficaz, mas ainda pode realizar muitas atividades de forma independente. As dificuldades podem ser observadas, por exemplo, na incapacidade de manter uma conversa ou no desconforto com mudanças na rotina.

No entanto, as pessoas com autismo leve muitas vezes podem ter uma vida relativamente independente, especialmente quando recebem suporte adequado.

O segundo nível, considerado moderado, envolve um maior grau de dificuldade nas interações sociais e na comunicação. Crianças e adultos com esse grau de autismo podem apresentar dificuldades em compreender normas sociais e responder de maneira apropriada em situações de interação. Muitas vezes, também têm dificuldades significativas em adaptar-se a novas rotinas, o que pode gerar frustração e comportamentos desafiadores. Essas pessoas geralmente precisam de um suporte mais substancial para realizar atividades cotidianas e lidar com suas dificuldades.

O terceiro nível é classificado como severo. Indivíduos com autismo severo enfrentam desafios significativos em todas as áreas afetadas pelo transtorno. Eles podem ter grande dificuldade em se comunicar, muitas vezes não sendo capazes de falar ou utilizar formas alternativas de comunicação, como gestos ou linguagem de sinais. A interação social é extremamente limitada, e as mudanças na rotina podem ser uma fonte constante de angústia e desconforto. As pessoas com autismo severo geralmente necessitam de um suporte intensivo e contínuo em todos os aspectos da vida, desde cuidados pessoais até participação em atividades sociais e educacionais.

É importante lembrar que o grau de autismo pode variar ao longo da vida de uma pessoa. Como uma condição do espectro, o autismo não é fixo. Uma pessoa pode começar com uma necessidade de apoio mais intensiva e, com o tempo, desenvolver habilidades que permitam maior autonomia, ou, ao contrário, uma pessoa que começou com uma forma mais leve de autismo pode precisar de mais apoio ao longo da vida, devido a mudanças no seu desenvolvimento. Cada pessoa com autismo é única, e a chave para o sucesso está em entender suas necessidades específicas, proporcionando o suporte necessário para que ela possa alcançar seu maior potencial.

Para os pais, entender o que é o autismo, os diferentes níveis de apoio necessários e como sua filha ou filho pode viver essa experiência é essencial para dar os primeiros passos na jornada de acolhimento e desenvolvimento. O caminho pode ser longo e, muitas vezes, desafiador, mas, assim como qualquer jornada importante, ele é repleto de aprendizados e momentos de superação. Maria e João descobriram que, ao longo dessa caminhada, o mais importante não era ver Sofia como alguém com limitações, mas como alguém com potencial, com sua própria maneira de viver o mundo, com seus próprios talentos e habilidades que precisavam ser valorizados. A jornada da família de Sofia é a mesma de tantas outras, cheia de altos e baixos, mas sempre com a certeza de que o apoio mútuo e a aceitação são as bases para uma vida plena e cheia de conquistas, sejam grandes ou pequenas.

Capítulo 2: Entendendo as Raízes – Fatores de Risco do Autismo

Alice

Quando a pequena Alice tinha apenas 18 meses, sua mãe, Carolina, começou a perceber algo diferente no comportamento da filha. Alice era uma criança alegre, mas aos poucos, Carolina começou a notar que sua filha não respondia quando chamada, não fazia contato visual e parecia não se interessar pelas interações sociais com outros bebês. Ao contrário das outras crianças de sua idade, Alice não apontava para objetos ou indicava seus desejos com gestos. Embora sua fala fosse esperada para a sua idade, ela não a utilizava para se comunicar com os outros. A preocupação de Carolina cresceu, mas ela hesitou em procurar ajuda, temendo ser excessivamente alarmista. No entanto, ao observar a situação se repetir, ela decidiu buscar orientação. Foi quando uma psicóloga infantil, após algumas consultas, sugeriu que os sintomas observados poderiam ser indicativos de um possível Transtorno do Espectro Autista (TEA).



O diagnóstico precoce de Alice foi um divisor de águas para a família. Ao perceber os primeiros sinais e procurar ajuda profissional rapidamente, Carolina teve acesso a tratamentos e terapias especializadas que possibilitaram um desenvolvimento mais assertivo para sua filha. O diagnóstico precoce é crucial, pois, quando feito em estágios iniciais, possibilita que a criança comece a intervenção terapêutica antes que os sintomas possam impactar de forma significativa em seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo. A partir de então, Carolina começou a estudar sobre o autismo e entender que os sinais que ela havia observado eram, na verdade, manifestações comuns do TEA. Isso a ajudou a modificar sua percepção sobre a condição e a procurar a melhor forma de apoiar Alice em seu desenvolvimento.

A origem do autismo é multifatorial e envolve uma combinação de fatores genéticos e ambientais que podem afetar o cérebro em diferentes momentos do desenvolvimento. Estudos científicos sugerem que o autismo tem uma forte base genética. Isso significa que as características do transtorno podem ser herdadas, embora não haja um único gene responsável pela condição. O risco de uma criança ser diagnosticada com autismo aumenta significativamente se algum irmão também for diagnosticado com TEA. Isso não significa que o autismo seja transmitido de maneira direta e simples, mas que há uma predisposição genética que pode ser passada de geração para geração. Para Carolina, o fato de saber que o autismo possui uma base genética ajudou a compreender melhor a condição de Alice, especialmente quando ela descobriu que, na família, havia outros casos de dificuldades no desenvolvimento social e da comunicação.

Além dos fatores genéticos, os fatores ambientais também desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do autismo. A exposição a determinadas condições durante a gravidez pode aumentar o risco de uma criança desenvolver TEA. Por exemplo, mulheres com mais de 40 anos apresentam um risco maior de ter filhos com autismo. Estudos também indicam que a idade do pai pode influenciar no risco de autismo, com pais mais velhos, especialmente acima dos 50 anos, tendo maior probabilidade de ter filhos diagnosticados com o transtorno. Carolina não sabia disso na época de sua gestação, mas, ao ler sobre esses fatores, entendeu que não havia nada que ela pudesse ter feito para evitar o diagnóstico de Alice. Ela aceitou que o autismo era parte de sua realidade e que seu papel seria dar o melhor suporte possível para sua filha.

Outro fator ambiental importante é a saúde da mãe durante a gravidez. Condições como diabetes gestacional, obesidade materna ou complicações com o cordão umbilical podem aumentar o risco do desenvolvimento do autismo na criança. Embora Carolina não tenha enfrentado essas condições durante a gravidez de Alice, ela agora compreende que esses fatores podem contribuir de forma significativa para o aparecimento do transtorno. Além disso, as complicações no parto, como a falta de oxigenação do bebê durante o nascimento (hipóxia), também são um risco identificado por estudos científicos. Carolina ficou aliviada ao saber que, embora houvesse esses fatores de risco, nada do que aconteceu em sua gestação foi de fato responsável pelo autismo de sua filha. No fundo, ela entendeu que o autismo é um transtorno complexo, e as causas são variadas e ainda em estudo.

Identificar os sinais iniciais do autismo pode ser um grande desafio, pois eles são sutis e podem ser confundidos com comportamentos típicos de outras condições de desenvolvimento. Porém, alguns sinais são comumente observados em crianças muito pequenas. Pais como Carolina podem perceber, por exemplo, que a criança não responde ao ser chamada, como era o caso de Alice, ou que ela não busca interagir com outras crianças da sua idade.

A falta de gestos sociais, como apontar para objetos, é outro sinal precoce. As crianças com autismo podem apresentar uma dificuldade em compreender ou expressar suas emoções. Se o seu filho apresenta atraso na fala ou na comunicação, isso também pode ser um indicativo. No entanto, esses sinais não necessariamente significam que a criança tenha autismo, e é importante que os pais procurem ajuda profissional para uma avaliação completa.



Pais

Se você é pai ou mãe e está observando alguns desses sinais em seu filho, o primeiro passo é buscar a orientação de um especialista. Um diagnóstico precoce, como no caso de Alice, pode garantir que a criança tenha acesso a terapias adequadas, como a Análise Comportamental Aplicada (ABA), que ajudam no desenvolvimento de habilidades sociais e comunicativas. Carolina descobriu que, ao reconhecer os sinais e agir rapidamente, ela deu a Alice a oportunidade de ter um desenvolvimento mais saudável e equilibrado. Ao aprender a identificar os primeiros sinais de autismo, os pais podem se sentir mais preparados e confiantes para oferecer o suporte necessário, promovendo o bem-estar da criança desde cedo.

Entender os fatores que contribuem para o autismo e como identificá-los é o primeiro passo para oferecer uma vida mais plena a pessoas com TEA. O autismo não é uma sentença, e com o apoio certo, a criança pode desenvolver habilidades e conquistar uma vida rica em experiências e realizações. Carolina, ao buscar a ajuda de profissionais e aprender sobre o que estava acontecendo com Alice, teve um papel fundamental em oferecer a ela as ferramentas para crescer e prosperar. A jornada de compreensão e apoio é desafiadora, mas também é repleta de amor e descobertas que ajudam todos os envolvidos a enxergar as potencialidades únicas de cada pessoa com autismo.



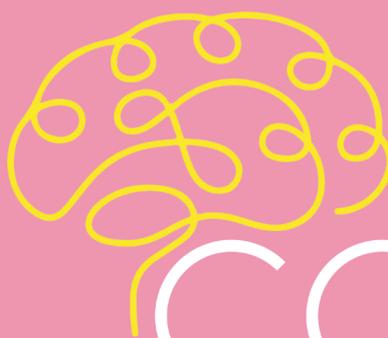
Margareth Amaral

Graduação em Pedagogia

Pós-Graduação em Psicopedagogia

Mãe Atípica

Graduanda em Terapia Ocupacional – T.O



INSTITUTO

COGNUS

COMPREENDENDO MENTES
TRANSFORMANDO VIDAS.